



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

DJON ÁFRICA / 2018

um filme de Filipa Reis e João Miller Guerra

Realização: Filipa Reis e João Miller Guerra / **Argumento:** Pedro Pinho e João Miller Guerra / **Fotografia:** Vasco Viana / **Som:** Ruben Santiago / **Montagem:** Eduardo Serrano, Ricardo Pretti e Luisa Homem / **Montagem de som e mistura:** Branko Neskov / **Interpretação:** Miguel Moreira, Isabel Cardoso, Patrícia Soso, Bitori Nha Bibinha.

Produção: Terratrema / **Co-Produção:** Oll e Uma Pedra no Sapato, falado e legendado em português, 96 minutos / **Estreia mundial:** 26 de janeiro de 2018, em Roterdão / **Estreia em Portugal:** 29 de novembro de 2018.



“Toda a gente precisa de uma origem para ter uma missão”. Este é um dos versos na música de abertura do filme que hoje apresentamos, num tema também ele interpretado pelo próprio Miguel Moreira, o ator em destaque neste filme. Os versos são premonitórios da história de Miguel, que aqui é também conhecido como Tibars e que, por seu turno, também se apresenta como Djon África. Quem é este personagem que detém vários nomes? Terá ele várias identidades numa só? Em **Djon África**, Miguel é um jovem adulto que mora na periferia de Lisboa, com a sua avó, desde que nasceu. Nunca conheceu o seu pai e dele sabe muito pouco. Sabe apenas o que lhe conta a avó, recuperando as memórias dos seus tempos distantes em Cabo Verde. Miguel e o pai partilham semelhanças fortes. A vontade de encontrar o pai que nunca conheceu irá conduzi-lo às ilhas que também nunca visitou, tendo Miguel nascido em Portugal, com Cabo Verde somente no imaginário.

O filme que vamos ver é a primeira longa-metragem de ficção de Filipa Reis e João Miller Guerra, realizadores que tinham já assinado em conjunto vários documentários nos anos anteriores, dos quais se destacam os filmes *Li Ké Terra* (2010), *Orquestra Geração* (2011), *Cama de Gato* (2012) e *Fora da Vida* (2015). Foi na realização do documentário *Li Ké Terra* que conheceram e trabalharam com Miguel Moreira, numa obra que aborda questões sobre imigração e que estão igualmente presentes em **Djon África**. Num mundo globalizado de migrações, surgem questões universais que ultrapassam qualquer fronteira política: a identidade de quem se sente sem país, o afastamento das origens culturais, assim como o sentimento de pertença e de construção do próprio futuro são temas inseparáveis da deslocação do ser humano. A cultura cabo-verdiana não é exceção, onde estas características estão fortemente presentes em múltiplas formas, existindo uma vastíssima diáspora que, à data deste filme, é representada em Portugal por uma comunidade com cerca de trinta e cinco mil habitantes. Neste sentido, enquanto encontramos no documentário *Li Ké Terra* um sentimento dominante de desenraizamento, ao abordar a questão da nacionalidade, observando alguém que nasce em Portugal, tem passaporte cabo-verdiano, mas não a nacionalidade portuguesa, a ficção de **Djon África** leva-nos muito mais longe, tanto na geografia, como na riqueza autobiográfica do ponto de vista de Miguel.

A procura do pai de Miguel dará início a uma serena odisseia que se desdobrará em diferentes horizontes. Para além da viagem geograficamente delineada nas belíssimas imagens das ilhas de Cabo Verde, nomeadamente Santo Antão, São Nicolau e Santiago, este caminho terá também um percurso imaterial, pessoal e interior, em planos que oscilam entre a autodescoberta e a fantasia. É, aliás, nesta dimensão onde iremos encontrar uma participação especial de Bitori Nha Bibinha, uma das grandes lendas da música cabo-verdiana, cujo funaná irá enlaçar Miguel, dando o ponto de partida onírico desta caminhada pelo espírito das ilhas. Estas duas perspetivas coexistem e complementam-se com naturalidade no nosso personagem, mas, ainda assim, será nas suas incursões pelas ruas e caminhos de Cabo Verde que assistiremos a pequenas conversas quotidianas (filmadas com muitos habitantes locais e atores não-profissionais), conversas que abrem a possibilidade de se pensar numa outra questão: será possível regressar a um sítio onde nunca se foi?

Em cada uma destas três ilhas, encontramos localidades diferentes que partilham o mesmo nome de Tarrafal. Também os três nomes de Miguel caminham em sintonia com as ambivalências que o caracterizam. Ele não é cabo-verdiano, mas é cabo-verdiano. Tem um sentimento de exclusão, como tem de pertença. Regressa onde nunca foi, onde a esperança é inseparável da frustração, num regresso a casa que, afinal, pode ser todo o lugar e sítio nenhum. Este retorno às origens é, no entanto, uma enorme e interminável descoberta. Num ambiente misterioso, onde a luz do dia e da noite se une, ouvimos neste lusco-fusco que “a nossa vida era boa. Eu, tu, a tua família”, recordando um passado e um pai que partiu: “nós somos todos fugitivos. Desde aquele tempo, nunca deixámos de fugir”. **Djon África** percorre estas ilhas com o seu ritmo próprio de descoberta. É uma fuga e um abraço. Reserva várias surpresas, pois tudo é possível quando se procura a própria identidade. Os futuros de Miguel, Tibars e Djon estão todos em aberto, pois a busca de um pai, das nossas origens, transcende qualquer nacionalidade e ultrapassa qualquer fronteira, seja ela visível como o oceano ou invisível como uma sombra numa multidão.

Miguel Amaro